



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na apresentação do projeto de ampliação da produção do Pólo Petroquímico União S.A.

São Paulo, 18 de setembro de 2004

Meu caro amigo Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,
Meus queridos companheiros professor Luizinho, Jamil Murad e Wagner Rubinelli, deputados federais,
Minha querida Maria Inês,
Meu caro Oswaldo, prefeito de Rio Grande da Serra,
Meus queridos companheiros Luiz Marinho, presidente da CUT,
Meu caro Roberto Garcia, presidente do Conselho de Administração da Petroquímica União,
Parlamentares estaduais que estão aqui,
Prefeitos,
Meu querido Paulo Lage, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC,
Companheiro Guiba, delegado regional do Trabalho de São Paulo,

Nosso querido companheiro Osmar Santos que, se estivesse aqui apresentando, certamente iria repetir muitas das frases que ele utilizou. Não apenas transmitindo futebol, mas na campanha das Diretas. E todos nós ainda torcemos, com a mesma torcida que fazíamos no começo, para que um belo dia o Osmar Santos volte a transmitir um jogo, de preferência um jogo em que o Corinthians ganhe do adversário. Lembro que o Osmar Santos uma vez me convidou, e ao Lima Duarte. Nós fomos – o Lima Duarte são paulino e eu corintiano, não sei se era um título de 1983 – nós fomos lá na cabine da rádio em que ele trabalhava, na Rádio Globo, para ouvir o comentário do jogo. Era



decisão de título e, naquele dia, o Corinthians, que tinha Casagrande, (inaudível), Sócrates, ganhou o título paulista, ganhando de 3 a 1 do São Paulo. E eu fui considerado, pelo Osmar, o melhor comentarista. Meus parabéns, Osmar, por te ver, aqui, rindo. Significa que as coisas estão melhorando, e muito.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que estarmos aqui, comemorando um acordo que a Petrobras fez com a Petroquímica União, e não é um simples acordo, eu acho que a gente tem que aprender a valorizar aquilo que se conquistou com muito sacrifício.

Havia uma orientação da antiga Direção da Petrobras, de que não iria elevar a quantidade de matéria-prima para desenvolver a Petroquímica União. Como havia outras decisões, e nós fomos quebrando uma a uma e, por isso, estamos recuperando a nossa indústria naval, estamos construindo navios, estamos construindo plataformas. E, por isso estamos tomando a decisão de que o pólo petroquímico brasileiro não pode ficar esperando a oferta virar menor do que a demanda, porque aí teremos que correr atrás do prejuízo. Portanto, é acertada a decisão da Petrobras de não ficar fazendo parcerias apenas com as empresas já existentes, em torno de projetos já existentes, mas fazer parcerias em torno de projetos novos, construir novas plantas, para gerar novos empregos, para gerar riqueza para o país.

E essa é uma decisão que eu acho fundamental para a Petrobras, que deve aproveitar o bom nome que tem. Porque a coisa mais fácil, José Eduardo, era dizer o que se dizia antes: “A Petrobras é uma caixa preta que ninguém consegue saber o que faz e por que faz”.

Na verdade, nós temos que ter consciência de que a Petrobras é uma empresa importante. A Petrobras não é uma empresa do governo, tem acionistas, portanto, tem que se levar em conta os acionistas minoritários da Petrobras; tem que se levar em conta, e muito, o Conselho da Petrobras, que toma as grandes decisões. Mas, obviamente, o governo tem autoridade para



decidir junto com a Petrobras estratégias de desenvolvimento, afinal de contas, eu acho que a Petrobras é uma empresa que não é dos petroleiros e muito menos da Direção. Ela é uma empresa de 181 milhões de habitantes, porque todos nós a carregamos dentro do nosso peito.

Então, estar aqui inaugurando, comemorando este acordo, é importante pelo que ele significa para a região do ABC, para o estado de São Paulo e para o Brasil como um todo. Eu sempre achei, Governador, que o ABC paulista, por ser uma das regiões mais ricas do Brasil e a mais rica de São Paulo, veja que o nosso povo aqui é tão politizado que ninguém levantou a lebre de criar o estado do ABC. Porque no Brasil as pessoas têm o hábito, quando a região vai ficando rica, de querer se separar dos pobres.

Nós não, nós queremos continuar produzindo para que a gente possa, com a riqueza produzida por nós, fazer as pessoas do Brasil inteiro serem menos pobres. Durante anos e décadas a gente ficou reivindicando, aqui, uma extensão do Hospital das Clínicas. Felizmente, para nossa alegria, já na gestão do governador Mário Covas, esse hospital foi concluído e nós temos, hoje, um centro de excelência, aqui, no ABC, porque não tínhamos. Eu nunca me conformei e nunca compreendi porque o Brasil tem 52 universidades federais e não tem nenhuma no ABC, quer dizer, parece que por a gente ser um pouco... ter a vida um pouco melhor do que a média das regiões brasileiras, nós somos castigados. Então, era quase como se fosse proibido a gente ser feliz, ganhar um pouco mais. Então, não têm direitos. “Não vamos dar nada para o ABC”.

Nós mandamos um projeto criando a Universidade Federal do ABC. É lógico que, nessa época de campanha, tem muita gente que fala bobagem e nós temos que tapar os ouvidos para isso e não ficarmos nervosos. O que é importante é que assim que o Congresso Nacional aprove a Universidade Federal do ABC, vai ter, aqui, a Universidade Federal do ABC, porque já tem determinação do governo, já tem dinheiro disponível no Ministério da Educação. Eu já falei para o Luizinho que se, por qualquer problema, o



Congresso Nacional não aprovar, nós vamos ter que dar um jeito. O ideal é que o Congresso aprove a Universidade Federal, aqui, e se tiver problema nós vamos trazer uma extensão da Universidade Federal de São Carlos para cá, fazer um campus e ter uma universidade. O que importa para mim é que a gente tenha a possibilidade de que os trabalhadores e os filhos desses trabalhadores tenham o direito de fazer vestibular para tentar entrar numa universidade pública, aqui, no ABC.

Não estamos fazendo nenhum favor, vamos ser francos, porque o ABC já contribuiu muito com a riqueza deste país. Eu acho que qualquer coisa que a gente fizer para o ABC ainda é pouco, diante do que o ABC já contribuiu com impostos para o nosso país.

José Eduardo e meu caro Roberto, eu vou ler alguns números aqui. Se eu estiver errado, vocês me corrijam. Esse contrato prevê o aumento de 1 milhão e 200 mil metros cúbicos/dia de gás residual. Com este aumento, a Petroquímica União poderá ampliar sua produção de eteno e polietileno em 40%, passando de 500 mil toneladas/ano para 700 mil toneladas/ano.

Para tanto, a empresa construirá, imediatamente, uma nova planta de polietileno. O eteno e o polietileno são produtos petroquímicos básicos utilizados pela indústria de transformação para a produção de resina plástica. A petroquímica União investirá 300 milhões de dólares no projeto. Desses, 42 milhões de dólares serão aplicados nas refinarias da Petrobras, Henrique Lage, em São José dos Campos-Revap e refinaria Capuava-Recap, para construção dos dutos e melhoria nas instalações. Os outros 258 milhões serão aplicados em obras para o aumento da produção de eteno e polietileno da própria Petroquímica União. Vamos ver o resultado disso agora.

Os investimentos serão aplicados até 2007, com o término das obras e o início do transporte de gás residual da refinaria para a Petroquímica. Eu e o Alckmin precisamos que você termine isso em 2006.

Com o aumento da oferta de petroquímicos básicos para a Petroquímica



União, o que vai acontecer de verdade... novas indústrias de transformação serão atraídas para o pólo, com o potencial de gerar, mais ou menos, o número que o Alckmin disse aqui: “10 mil novos empregos”. O investimento agregará valor econômico ao gás residual fornecido pelas duas refinarias da Petrobras. Hoje, ele é utilizado apenas para queima como combustível.

O aumento na arrecadação de impostos federais, estaduais e municipais será da ordem de 200 milhões de reais ao ano. Para que novas indústrias químicas se aloquem ao pólo, serão necessários investimentos públicos ou privados em infra-estrutura na região, suprimento de água e geração ou co-geração de energia.

Eu quero dizer ao Roberto que nós continuaremos e não tenho dúvida de que essa é a disposição do governador Alckmin. Nós faremos o que estiver ao nosso alcance – em parceria com as prefeituras, com o governo do estado de São Paulo, com a Petrobras – para que a gente possa dotar o pólo de toda infra-estrutura, para que possa funcionar com a qualidade que precisa funcionar.

Para nós, o desenvolvimento do pólo petroquímico no Brasil é muito importante porque uma empresa como essa pode gerar valor agregado como poucos setores geram e nós poderemos virar grandes exportadores dos nossos produtos. E eu acho que o Brasil tem que aproveitar esse bom momento, esse momento de auto-confiança da sociedade, esse momento de auto-estima, esse momento de confiança.

O Alckmin viajou esta semana com o Primeiro-Ministro japonês. Eu o recebi em Brasília. Fazia 27 anos que o Brasil estava brigando para que os japoneses comprassem a manga brasileira. Eles nunca aceitaram comprar a manga brasileira. Eu brinquei com o Primeiro-Ministro e, na hora do almoço, servi a manga brasileira de sobremesa para ele e ele fez questão de anunciar que, agora, o Brasil vai poder exportar manga, o que vai ser importante para o Vale do São Francisco, que é um grande produtor brasileiro de frutas.



Eu não quero terminar essa minha pequena fala sem enaltecer, aqui, os trabalhos que os prefeitos do ABC, de todos os partidos políticos, fizeram através do consórcio. Eu sei da quantidade de reuniões que vocês fizeram, sei das disputas, das brigas. Às vezes, uma coisa de interesse nacional ou estadual fica pequena, na pequenez da política local, as mesmas pessoas disputando espaço. Eu acho uma coisa deplorável a gente colocar o umbigo como se fosse a coisa mais importante, sem levar em conta os outros órgãos que o corpo tem. E, na política, é a mesma coisa.

Eu queria, também, enaltecer o companheiro Marinho. O companheiro Marinho, a primeira vez que conversou comigo, como Presidente, foi reivindicando esse tal de aumento de matéria-prima com a tal de PQU, eu nem sabia o que era PQU.

O Marinho se queixava das tantas reuniões que tinha tido com o ex-presidente da Petrobras e que não era possível continuar assim. Nós fizemos uma reunião com o companheiro José Eduardo. Pedimos para ele levar ao Conselho, e agora estamos aqui, comemorando isso.

Muitas vezes, as coisas não acontecem mais rápido porque, como nós vivemos num regime democrático, nós temos que quebrar barreiras. E quebrar barreiras não é aniquilar os adversários. É convencer os contrários de que é possível fazer as coisas.

E nós estamos fazendo isso aí, porque houve muita pressão dos prefeitos. É importante reconhecer. Houve, sobretudo, pressão do companheiro Marinho. E quero dizer, aqui, que o companheiro Marinho tem se portado, com o governo federal, com duas virtudes que eu acho que um dirigente sindical deve ter e que eu tive, na minha vida. É por isso que eu não tenho nenhuma humildade de dizer que, durante muito tempo, fui o mais importante dirigente sindical deste país porque eu tinha lealdade com as pessoas, mesmo quando eu era adversário político delas.

E o Marinho, com a mesma clareza que ele faz questão de dizer que é



meu amigo pessoal, que é meu eleitor, ele faz questão de fazer críticas públicas quando acha que tem que fazer críticas públicas. O Marinho é prova de que eu nunca pedi para nenhum dirigente sindical – e tenho no movimento sindical os meus melhores amigos –, para ninguém falar bem do governo. E não quero que falem. Eu quero que vocês representem, condignamente, a categoria que vocês representam. É para isso que vocês foram eleitos. Quando o governo precisar ser criticado, critiquem. Ao mesmo tempo que fizerem a crítica, levem a sugestão, porque conversando a gente se entende.

E todo mundo sabe que o movimento sindical vive um novo momento. Não é apenas um momento que nós vivemos na década de 80. Hoje, o movimento sindical tem que ser mais criativo, tem que ser mais propositivo. O Marinho tem levado, para mim, propostas de desenvolvimento industrial que não era hábito do movimento sindical, porque nós tínhamos uma cultura eminentemente economicista. E eu espero que o Marinho faça com que a CUT seja, cada vez mais, uma entidade que critique quando tiver que criticar, mas proponha quando tiver que propor, com a mesma clareza. E vamos continuar sendo amigos do mesmo jeito.

Eu digo sempre o seguinte: o maior legado que eu quero receber da minha passagem pela Presidência da República é, quando terminar o meu mandato, poder encontrar meus companheiros, chamá-los e ser chamado de companheiro, que eu acho que é a coisa mais importante que a gente pode levar.

No mais, eu quero agradecer a todos vocês. Inclusive, José Eduardo, eu sei que você foi na Argentina resolver uma “pendenga” da Petrobras. E a verdade é que nós precisamos fazer um gasoduto lá, mesmo. A Petrobras está vivendo um momento de expansão de investimento, ou seja, se a Petrobras for construir todos os gasodutos, nós temos que construir mais de 4 mil e 500 km de gasoduto. Serão centenas de milhares de empregos que a gente pode gerar. Nós estamos trabalhando. Se a gente quiser que o Brasil cresça,



efetivamente, ele não pode continuar como uma casa abandonada.

Eu, às vezes, fico pensando... nós fizemos um comitê interministerial, José Eduardo, para fiscalizar os portos brasileiros. Então, nós vamos lá ver como é que funciona a aduana nos portos; como é que funcionam os fiscais, quais são os problemas que nós temos nos portos brasileiros.

A verdade, José Eduardo, é que nós precisamos mudar a mentalidade. Não é só comprar máquina nova, ou seja, nós precisamos fazer uma revolução administrativa em cada porto. Não é só dragagem. É mudar o comportamento das pessoas que trabalham no porto para melhor, para eles se sentirem mais prazerosos e para a sociedade sentir mais prazer por eles estarem lá.

Você tem, enquanto governo federal, Polícia Federal, fiscais da saúde, fiscais da agricultura, fiscais da Receita Federal. Todo mundo é filho do mesmo empregador, recebe salário do mesmo cofre, mas lá dentro são coisas separadas, ou seja, cada um demora o tanto que quiser para liberar uma coisa. Nós vamos fazer a dragagem que tiver que ser feita, fazer a restauração, porque o Brasil – Alckmin, se Deus quiser você vai ser convidado, em breve –, vai comemorar 100 bilhões de dólares em exportação, o que é recorde dos recordes da história deste país. Já vamos chegar a 94 bilhões, talvez este mês. Trinta e dois bilhões de superávit comercial.

Antigamente havia uma história no Brasil, desde a década de 70, de que quando crescem as exportações, o mercado interno não pode crescer. Então, o Brasil ficava como uma sanfona, ou seja, quando opta pelo mercado externo, diminui o mercado interno; quando faz uma opção pelo mercado interno, diminui as exportações.

Assim não é possível, o Brasil tem que continuar exportando muito e precisa continuar se fortalecendo, porque o mercado interno é o que vai melhorar a nossa capacidade de trabalho, de recebimento de salários. Então, isso nós vamos fazer, estamos trabalhando com carinho, porque o ano de 2004 já está garantido. O crescimento está garantido, você vai ter uma boa surpresa,



na segunda-feira, com os números de empregos do Caged. Você vai ter uma boa notícia, o emprego continua crescendo em São Paulo, continua crescendo no Brasil e, para nossa alegria, continua crescendo muito mais no interior. Significa que está acontecendo uma coisa extraordinária, que é a descentralização do desenvolvimento no Brasil.

Eu sei que, aqui, os companheiros do ABC falam: “mas, porque não cresce só no ABC?” Quando eu era dirigente sindical, aqui, eu também queria que crescesse só aqui. O Governador quer que cresça só o estado de São Paulo, mas eu quero que cresça o Brasil inteiro. Para mim, se a indústria estiver em São Paulo ou estiver em Roraima, é o que vale, porque são 27 filhos e, nós temos que cuidar de todos, em igualdade de condições. Um bom chefe de família não faz discriminação com ninguém.

Então, hoje, eu estou realmente feliz. Eu acho que esta vinda do Alckmin, aqui, apesar das divergências políticas, eleitorais, é uma demonstração de que a gente pode ensinar o mundo a fazer política civilizada. Eu posso disputar com o Alckmin amanhã ou depois de amanhã. Mas, isso não impede que a gente seja companheiro para tantas outras coisas que interessam ao Brasil. Nós temos o PPP para votar no Congresso Nacional, PPP que foi aprovado em São Paulo, que foi aprovado em Minas Gerais. E no Senado tem uma questiúncula, a única explicação que eu tenho é que seja uma questão política, não querem aprovar por coisas menores, achando que se aprovar nós vamos fazer muito mais, que pode nos servir politicamente.

Eu acho que as pessoas precisam ter grandeza com este país. Este país não pode permitir que uma eleição municipal — pode ser a cidade mais importante do mundo — atrapalhe o desenvolvimento do país, o crescimento da economia. Assim não é possível!

Eu acho que as pessoas que quiserem fazer crítica pessoal ao Presidente, façam quando quiser. Mas, é preciso continuar acreditando neste país. É preciso continuar dando um crédito de confiança ao potencial do povo



brasileiro. Não é possível!

Eu tive três oportunidades de muito orgulho, na minha vida. Primeiro, foi com o presidente da Mercedes-Benz, depois com o presidente da Ford e, depois, com o presidente de uma outra empresa. Três empresas multinacionais, em pesquisas feitas em todos os países em que elas têm empresas, reconheceram que o trabalhador brasileiro é o mais criativo, o mais produtivo e o mais preparado de todos os trabalhadores das empresas deles, no mundo inteiro.

Então, vamos aproveitar esse momento e pensar de forma positiva. Porque tem gente que é assim: você dá 10, a pessoa fala: “Por que que não deu 11?”. Você dá 11, ela fala: “Por que não deu 12?”. Sabe, tem sempre alguém que acha que pode mais. Mas, a verdade é a seguinte: que a gente saiba exatamente aquilo que é preciso fazer, na hora que a gente pode fazer. É assim na minha casa, é assim no estado de São Paulo.

Eu lembro sempre de uma coisa: não teve um governador que comeu mais o pão que o diabo amassou do que o Mário Covas. Foram quatro anos para deixar São Paulo preparado, minimamente, para crescer. Ele comeu o pão que o diabo amassou durante quatro anos. Por isso, quase perde a reeleição.

Então, quando você é sério, quando você age com seriedade, você não pode permitir que a eleição determine o seu comportamento. Deixa eu pegar um dado, aqui, que é importante falar: os juros aumentaram 0,25%. Até brinquei em Campinas, disse que existe a questão da TPC, da Tensão Pré-Copom.

Ou seja, a verdade, nua e crua, é que alguém – que não pode ser o Presidente da República, que talvez seja, um dia, um presidente da CUT, o presidente da Federação das Indústrias –, tem que reconhecer que a inflação foge de controle, na medida em que você não tem uma política dura para controlar, e ela aumenta por causa dos preços. Uma parte dos preços são os



preços controlados, que a sociedade pensa que é o governo que controla. Não é o governo que controla. As agências têm autonomia para aumentar os preços, nós não controlamos as agências.

Então, os preços controlados aumentam. Os preços de determinados produtos aumentam porque tem empresário que, quando começa a vender bem, ao invés de ganhar mais, vendendo mais, ele quer logo aumentar os preços. Por outro lado, nós temos muitos preços com commodities, inicialmente, e com todo o preço internacional. Então, a verdade é que a gente fica olhando uma coisinha para poder fazer uma crítica.

Mas, vamos olhar a coisa boa: quem é que se lembrou que na sexta-feira foi aprovado um projeto de lei do governo, garantindo a todos os aposentados brasileiros poder fazer empréstimos em bancos a juros de 1,75% ao mês, a 2% ao mês? Antes da lei, o coitado não tinha nem direito de entrar no banco e, se tivesse, não tinha crédito para pegar dinheiro. Agora vai poder, e vai dar seu holerite como garantia.

Então, o aposentado não vai mais precisar ir na Caixa Econômica penhorar o seu relojinho, seu anelzinho, seu brinco. Não, ele agora vai poder chegar no banco e falar: “Eu quero mil reais emprestado, para pagar em 12 meses, para pagar em 24 meses ou em 36 meses”. A prestação não pode ser maior do que 30% do salário dele, porque nós não queremos penhorar o salário do trabalhador em empréstimos.

Mas isso, para a sociedade, é muito importante. Muita gente não acreditava no crédito ao trabalhador da ativa, com desconto em folha. “Não, isso não pode, não pode, não pode”. É a coisa, e o Marinho sabe disso, que mais colocou dinheiro circulando. E o que é importante é que o trabalhador brasileiro e a trabalhadora têm caráter. Os primeiros 80% dos empréstimos feitos para os trabalhadores foram para limpar o seu nome na praça, porque estavam devendo para agiotas, estavam devendo para pagar 12% de juros ao mês.



Então, os trabalhadores que têm como maior patrimônio da sua vida o seu próprio nome, tomaram dinheiro emprestado, limpam o seu nome e viraram consumidores nobres. É por isso que o consumo e o comércio também estão crescendo.

Então, essa dos aposentados é uma novidade, porque são 20 milhões de aposentados que vão poder ter acesso ao empréstimo, coisa que eles não têm, agora. Tem o do setor público, mas o do INSS não tem. Então, esse fato é extremamente importante.

Eu estou dizendo isso porque nós vamos entrar num momento muito positivo. Eu acho que nós já atravessamos o pior caminho. Agora, é colher o que foi plantado, mas ainda tem coisa para plantar. Como nós queremos utilizar o potencial da multifuncionalidade do governo, ou seja, tem muita coisa para inovar.

Eu dizia para o José Eduardo, agora, que eu quero, na segunda-feira, todos os dados, para saber porque o petróleo aumentou tanto. A Petrobras não tem como não acompanhar o preço internacional, porque ela é commodity. Agora, porque o preço aumentou tanto? É por causa da guerra do Iraque? É porque alguém quer ganhar mais?

Ora, nós temos que fazer, não eu, mas vocês, do movimento sindical podem fazer alguma pressão, no mundo, para que o preço do petróleo seja reduzido. O preço do petróleo não prejudica os Estados Unidos, a Alemanha, o Japão, a França, a Suécia, a Dinamarca, que são exportadores, mas são ricos. Prejudica quem? Prejudica os países pobres da América Latina e os países pobres da África. E um aumento de 1 dólar no barril já é um sufoco para quem está passando fome.

Então, nós temos muitas coisas para fazer que eu acho que podem dar um sentido mais humanitário na nossa vida cotidiana. Nós precisamos ser mais solidários, não apenas com o povo brasileiro, mas com o mundo.

Eu fui ao Haiti. Vocês não têm dimensão do que é pobreza. Quem acha



que é pobre, aqui, no Brasil, vá para o Haiti, que vai falar: “Puxa vida, eu era rico e não sabia”. É muita pobreza. Foi explorado durante 300 anos. Depois, mais 30 anos pelos americanos, pelos franceses. E levaram tudo. Eles ficaram sem nada. Só ficaram com a pobreza.

Nós vamos, na segunda-feira, viu, Marinho? Você vai junto comigo. Nós vamos, na segunda-feira, na ONU. A primeira grande reunião tem 49 chefes de Estado, 13 chefes de Governo e 49 ministros. Nós vamos discutir a questão da criação de um Fundo de Combate à Pobreza.

Eu não tenho a ilusão de que a gente vá conseguir sair da reunião com o Fundo criado. Porque se fosse fácil assim... Eu queria até pedir a compreensão dos prefeitos e do Governador. Nós precisamos instituir, em parceria com as prefeituras, um prêmio para que a gente comece, a partir do ano que vem, a acompanhar as Metas do Milênio.

Cada área do governo federal, e cada área do governo estadual, por exemplo: a Secretaria da Educação junto com o Ministério da Educação; poderíamos dar um prêmio para os municípios que melhor investiram na educação; um prêmio para os municípios que melhor cuidaram da saúde. E, assim, a gente vai incentivando os prefeitos a assumirem a responsabilidade de cumprir as Metas do Milênio, que totalizam oito metas.

E, se a gente não fizer isso, vamos chegar em 2015 numa situação pior do que estamos agora. Esse é um desafio muito duro, que não é meu. É um desafio nosso. Não é um desafio de um presidente, de um governador, de um prefeito. A sociedade tem que assumir para si essas coisas.

Eu acho que nós temos tudo para fazer o Brasil nunca mais retroceder. O Brasil tem que continuar buscando. E eu quero terminar dizendo: a gente não quer crescer este ano ou no ano que vem. A nossa política é para que a gente tenha um ciclo de crescimento que possa ser de 10 ou de 15 anos. Nós não queremos ficar subindo e descendo, não. Nós queremos ter uma coisa em que todo mundo possa se programar; que os trabalhadores possam se



programar com os salários; que os empresários possam se programar com os investimentos; que a sociedade possa se programar na sua vida pessoal. E este país não vai jogar fora a oportunidade que nós estamos tendo agora.

É um momento excepcional. Há muitos anos que a gente não vivia uma situação tão favorável. Vamos levantar a cabeça e dizer: “Nós somos brasileiros, não desistimos nunca e vamos fazer com que este país, aqui, se transforme numa grande nação”.

Muito obrigado e parabéns para todos vocês.